

Paulo Cesar da Costa Gomes

Quadros GEOGRAFICOS

Uma forma de ver, uma forma de pensar

1ª edição

B
BERTRAND BRASIL
Rio de Janeiro | 2017

A contemplação é capaz de apreender a ordem cósmica, que não apenas nos aparece como um raciocínio, mas também gera uma imagem. Desenhar o mundo é tarefa que pressupõe uma anterior ideia de ordenação. Aliás, a palavra *Mundo*, como tradução do *Cosmos* grego, indica esse significado de coisas ordenadas em um espaço, o todo ou o conjunto de todas as coisas.³³ O desenho que se exprime sob uma forma material é a tradução de uma ordem mental, responsável por estabelecer princípios e relações que serão como um guia para a consecução do desenho. Assim, o resultado da aplicação dessas relações e desses princípios, traduzidos graficamente, só será conhecido uma vez que o desenho seja feito. Nesse sentido, a imagem “faz aparecer”. Ela não é a simples ilustração da ideia abstrata da ordem, como um objeto secundário e completamente previsível. A imagem é portadora de sentidos próprios, os quais aparecem exclusivamente quando princípios e relações abstratas se exprimem graficamente. Como já dito, desenhamos para pensar.

³³ Uma das origens atestadas para a palavra *mundus-i* ou *mundum-i* era um recipiente onde se guardavam objetos e utensílios cosméticos. Além do substantivo que denominava o objeto em si, a maleta ou recipiente, a palavra também passou a denominar o conjunto dos objetos e o próprio princípio contido nele de ordem e de beleza. Daí também o uso como adjetivo *mundus-a-um*, que significa limpo, bem cuidado. Tudo isso tem forte relação com a ideia grega do *Cosmos*.

A Geografia apresenta o mundo

Entre todos os pensadores estoicos que têm relação direta com a Geografia, Estrabão (64 a.C.- 21 d.C.) é sempre o mais lembrado e citado pelos historiadores dessa disciplina.³⁴ Um elemento importante a considerar é o fato de que sua obra foi bem preservada e nela são encontradas referências a toda uma série de outros autores sobre os quais pouco ou quase nada foi conservado (Diógenes Laércio, 2006, p. 124).³⁵ Esses pensadores que figuram na obra de Estrabão trataram de temas relativos às formas terrestres, às medidas da terra, aos fenômenos naturais, à localização e descrições de lugares, à confecção de mapas e globos etc. Ao citá-los, Estrabão os reconhece como legítimos antecessores na construção da ciência geográfica. A Geografia de Estrabão se compõe de 17 volumes, subdivididos em vários capítulos.³⁶ O trabalho se constitui de uma farta e sistemática descrição regional do mundo conhecido.

³⁴ Muitos autores têm afirmado essa proximidade entre a Geografia e a Filosofia no trabalho de Estrabão. Nem sempre, entretanto, os argumentos parecem convincentes como em Dueck (2000). Já Laurent (2008) prefere utilizar o termo “ecletismo” filosófico para caracterizar o pensamento de Estrabão.

³⁵ Esse livro, embora escrito quatrocentos anos depois dos primeiros estoicos, constitui uma referência básica, pois descreve a vida e a obra dos diversos filósofos estoicos.

³⁶ Nós nos baseamos na tradução feita por Tardieu A., *Géographie de Strabon*, publicada em 1867.

No entanto, raras vezes se reconhece que esse esforço de descrição é parte de um programa bem mais geral de apresentação ordenada do mundo. A despeito disso, os três primeiros volumes são dedicados exclusivamente às tentativas anteriores de conceber essa apresentação, tenham sido elas gráficas ou textuais.

Ele começa por atribuir a Homero o pioneirismo de um conhecimento geográfico em suas descrições do mundo heroico da Odisseia e da Ilíada.³⁷ Diz Estrabão sobre Homero: “É fácil reconhecê-los [os povos antigos] pela pintura que ele faz dos gêneros de vida deles” (Estrabão, 1867, p. 6, v. I).³⁸ Logo depois, volta-se para Erastóstenes e discute criticamente a contribuição dele sobre a concepção de distâncias, formas, posições, direções, medidas. Termina o primeiro capítulo do Livro II comentando o mapa do mundo habitado feito por Erastóstenes. Sublinhamos aqui que Estrabão discute propriamente o desenho, o traçado das linhas, por onde passam, as delimitações, as distâncias, as deformações etc. (Estrabão, 1867, p. 120-139, v. II).

Sua preocupação com o desenho que apresenta e descreve o mundo é também muito enfática; por exemplo, ao comentar que Posidônio (135-51 a.C.) criticava seus antecessores por não terem desenhado “um certo número de círculos paralelos ao equador e que ao apresentar a terra habitada sob a forma de faixas ou zonas teriam mostrado as mudanças trazidas, de um lado, nas temperaturas, e do outro, nos animais e plantas” (Estrabão, 1867, p. 166, v. II).

³⁷ Em seu debate contra Erastóstenes, Estrabão alerta que a “verdade” não se encontra identificada pelo tipo de linguagem. A poesia de Homero não deve por isso ser tomada como fábula, assim como a prosa não é a única forma de escrever a “verdade” (Estrabão, 1867, p. 29).

³⁸ O uso do termo “pintura” e da expressão “gêneros de vida” deve ser contextualizado pelo fato de a tradução ser de 1867. De qualquer forma, não podemos deixar de lhes atribuir um certo interesse. Notemos também que a noção de “gênero de vida” só aparecerá anos mais tarde na obra de Vidal de la Blache.

Segundo Estrabão, ainda, a mais exata reprodução possível da Terra habitada seria uma esfera como aquela que Crates de Tebas (365-285 a.C.) tentou construir. Essa esfera teria de ser, entretanto, muito grande para “receber sem confusão todos os detalhes importantes de serem oferecidos ao olho em uma imagem suficientemente exata”. Como a tarefa é quase impossível, então, diz ele, é melhor inscrever o mapa geográfico sobre uma superfície plana:

De fato, é indiferente que em lugar de círculos [paralelos e meridianos] que servem para determinar na esfera os climas, as direções dos ventos e em geral para distinguir as diferentes partes da terra e para as verdadeiras posições geográficas nós tracemos linhas retas. O pensamento pode sempre facilmente transportar a uma superfície circular e esférica as figuras e dimensões que os olhos veem representados em uma superfície plana. (Estrabão, 1867, p. 190, v. II)

Insiste que a descrição do mundo é apenas uma parcela do conhecimento, pois há uma “correlação entre os estudos astronômicos e geométricos por um lado e a Geografia de outro” (Estrabão, 1867, p. 13, v. II) ou, como apresenta depois, “uma Geografia propriamente dita e uma Geografia especialmente matemática” (Estrabão, 1867, p. 155, v. II).

A organização da Geografia nos moldes propostos por Estrabão segue um programa que precisa primeiro “tentar determinar o mais simplesmente possível a figura e a extensão dos países que devem encontrar lugar no mapa da terra habitada [...] Com esse primeiro esboço feito, devemos proceder a uma descrição detalhada das diferentes partes da terra habitada: esse é o plano que anunciamos” (Estrabão, 1867, p. 193, v. II). Ele, assim, o cumpriu

e a partir do Livro III, depois de haver longamente discutido os aspectos gerais do desenho da terra, passa então a descrever as diversas regiões do mundo habitado.

Como vemos, nesse programa há uma base, um plano que, uma vez estabelecido com rigor e precisão, pode então ser preenchido ou “pintado” com as características detalhadas de cada localização. A descrição não é exaustiva, ela é sistemática, segue uma ordem, valoriza a ideia de conjunto. A grade que estrutura a base, com linhas, massas continentais, mares etc., é a unidade sobre a qual, localizadamente, são colocadas as informações.³⁹ Trata-se por isso de um sistema de informações geográficas, o qual pode ser visualizado em um desenho ou mapa ou em um discurso que segue a organização sistemática das características regropada por lugares — em quadros.

A filosofia estoica parece ter sido a primeira a reivindicar a característica de ser “sistemática” (Aubenque, 1972, p. 140). A noção de sistema impõe perceber que cada parcela é solidária e necessariamente interligada a um conjunto. O sistema do mundo não era, no entanto, a perfeição de um estado dado e eterno. Zenão de Cítio (340-264 a.C.) observou que os solos se nivelam, os mares se retiram, todas as partes do universo se corrompem (Diógenes Laércio, 2014 [século III], p. 126). Mais tarde, Posidônio, também como Zenão, procurava na observação da diversidade da natureza as relações que estruturam o mundo. Ele teria assim não apenas sido o autor da primeira explicação que relaciona o fenômeno das marés às fases da Lua, mas também deduzido a

³⁹ Anaximandro (610-546 a.C.), que também é considerado por Estrabão como um pioneiro geógrafo, teria sido o primeiro a desenhar um mapa do mundo com os contornos do mar e da terra. Ele foi uma das vezes a sustentar que as coisas todas seguem uma ordem, sua cosmologia era completamente geométrica, a Terra no centro de um universo simétrico e equilibrado.

relação que existe entre a localização de uma zona geotérmica à posição do Sol. As coisas todas seguem uma ordem. O desenho, gráfico ou textual, a revela.

O plano da obra de Estrabão também é sistemático. Esquedado nos séculos seguintes, Estrabão ganhou novamente relevo desde sua tradução para o latim no século XV e participou do projeto renascentista de discussão sobre a organização do Cosmos, o qual gerou um novo modelo de estudos conhecido como as Cosmografias.⁴⁰

Processo semelhante ocorreu com Ptolomeu (90-168 d.C.), que teve a primeira tradução para o latim feita pelo florentino Jacopo da Scarperia no início do século XV.⁴¹ Como o seu antecessor Estrabão, Ptolomeu também participava da empreitada de querer pensar a variedade do mundo, mas seu projeto se constituiu por uma via diferente, não mais construindo uma descrição detalhada dos lugares. Como é bastante sabido, sua meta era desenhar um mapa do mundo conhecido — “apresentar a Terra como uma unidade e continuidade” (Ptolomeu, 1828, p. 1, v. I). Por meio dos mapas seria possível desvendar a ordem que se esconde atrás da diversidade. A contemplação dessa ordem seria possível a partir da imagem do Cosmos estampada no mapa, sendo esse construído

⁴⁰ No volume I, Estrabão discorre bastante sobre o uso possível desse conhecimento geográfico para o poder e a administração de Roma. Por isso, muitas vezes ele foi lido sob o prisma do funcionário romano preocupado em reunir informações para a dominação imperial (Lacoste, 1976). De fato, o uso prático da Geografia é assim indicado por ele, mas ele também recomenda aos filósofos que o esforço teórico deve ser feito. Ver a esse respeito, por exemplo, Estrabão, 1867, p. 22, v. I.

⁴¹ A tradução recebeu o nome de “Cosmografia” e teve imediatamente um grande impacto, com três sucessivas edições. Todos os grandes personagens da época tinham um exemplar ou uma cópia, entre eles os navegadores, viajantes e cosmógrafos. Ainda no século XV, outra tradução, de Nicólas o Germânico, atribuiu o nome de Geografia à obra de Ptolomeu (Aujac, 2012, p. 174).

com o uso do instrumental considerado como o mais apto para desenhar essa imagem, a matemática.⁴² O projeto do mapa do mundo “deve se apoiar nas descrições que encontramos nos relatos de viagens. [...] Mas não esqueçamos que, na investigação como na transmissão, devemos nos garantir na geometria e na astronomia”⁴³ (Ptolomeu, 1828, p. 5, v. I).

A imagem da Terra poderia mostrar os princípios harmônicos que se escondiam no aparente caos da diversidade. Os conhecidos valores que davam beleza às formas, equilíbrio às partes, proporcionalidade aos volumes e simetria seriam revelados no exame do desenho do ecúmeno, uma vez que o Cosmos era, como vimos, princípio da ordem e da beleza.

O desenho da Terra revelaria também a ligação dela com a esfera celeste, uma vez que para ele as linhas e zonas terrestres são diretas projeções do movimento da abóbada celeste sobre a imóvel e central Terra. Por isso, a primeira grande tarefa que ele se impôs foi, a partir da astronomia, refletir sobre a Terra como um modelo geométrico. Disso resultam os critérios que permitem

⁴² Ptolomeu criticou na Geografia a descrição regional (*corografia*), comparando esse procedimento a alguém que quisesse representar um rosto e desenhasse apenas a orelha. Para ele, só a contemplação do todo, da totalidade da cabeça, poderia ser fonte do conhecimento. Como já dito, muitos geógrafos clássicos, entre eles Ritter, Humboldt, Reclus, Vidal de la Blache, Pinchemel, têm usado a ideia de contemplação e expressões como “face da Terra”, “fisionomia terrestre”, “imagem do todo”, entre outras similares, para caracterizar a Geografia moderna. Vincent Berdoulay, ao ler os originais desse livro, chamou a atenção para o fato de que a expressão *face da Terra* se popularizou nas ciências com a obra do geólogo e naturalista austríaco E. Suess (1831-1914), *Das Antlitz des Erde*, publicada entre 1885-1909.

⁴³ Traduzimos *períodos gês* por relatos de viagem, pois são descrições advindas das “voltas” dadas no mundo conhecido ou dos périplos realizados. Ptolomeu se mostrou bastante cético em usar essas informações sem uma rigorosa confirmação, “não pela negligência dos viajantes, mas pela falta de instrumentos matemáticos” (Ptolomeu, 1828, p. 2, v. I, cap. IV).

medir as latitudes, as longitudes, o cálculo da duração dos dias, os climas (no sentido de zonas de latitude, as *Klimata*) e, por fim, construir materialmente uma esfera celeste e seus movimentos. O conjunto dessa discussão se encontra na *Síntaxe Matemática* que também ficou conhecida pelo nome em árabe de *Almagesto* (“a muito grande”).⁴⁴ Somente a partir desse modelo é possível para Ptolomeu propor sua “Geografia”, compreendida como “a representação pelo desenho (*graphè*) da parte conhecida da Terra em sua totalidade e das coisas a elas conectadas” (Jacob, 1991, p. 128).

Ele viveu no século II d.C., no tempo do assim chamado estocismo imperial de Marco Aurélio (121-180 d.C.), e sua obra corresponde ao apogeu de toda uma longa tradição da Antiguidade do conhecimento sobre os lugares. Uma das maneiras possíveis de reunir esse conhecimento podia ter a forma de um desenho: um mapa-múndi. Os mapas para Ptolomeu, assim como para Estrabão, eram imagens, *eikôn*, construídas a partir de um olhar aéreo capaz de imaginar e imprimir uma forma. Esse modo de olhar tem até mesmo um nome para os gregos: *Kataskopos*. Trata-se de uma operação de abstração visual que era fundamental, considerando-se que a Terra não se oferece diretamente ao olhar como os Céus.

Construir uma imagem a partir do olhar que, abstratamente, se coloca numa posição elevada é um dos traços mais marcantes do estoicismo, aparecendo em todas as fases do desenvolvimento dessa corrente filosófica. Esse olhar situa o observador fora do comum ponto de vista. Além disso, recoloca as coisas dentro de um contexto mais largo, relativiza grandezas e, sobretudo, constitui um exercício fundamental de abstração. Por isso, esse exercício

⁴⁴ Não é totalmente desprovida de importância para nossa demonstração a atenção sobre a etimologia da palavra *syntaxis*, pois *taxis* em grego significa *arrumar, colocar em ordem*, e o prefixo *syn* quer dizer *em conjunto*.

de ver as coisas de outra forma, de desenhá-las pela imaginação, que move o olhar, deslocando-o para uma posição elevada, é uma das práticas recomendadas como básicas, pois permite um recuo, uma distância, uma colocação das coisas em outro contexto e tudo isso nos ajuda a pensar melhor sobre elas.⁴⁵ O imperador Marco Aurélio (121-180), maior expoente daquilo conhecido como estoicismo imperial, afirma, por exemplo: “A Ásia, a Europa, os quatro cantos do mundo, o mar inteiro uma gota d’água no universo [...] o presente inteiro, um ponto na eternidade” (Marc Aurèle, 2015, p. 77). Não tomemos, no entanto, esse olhar, o *Kataskopos*, como uma simples expressão estilística ou metafórica. Ele deveria ser uma prática, um instrumento que registra e desenha. O historiador grego Políbio (200-118 a.C.) o diz claramente: “Ver de cima como um cartógrafo” (Zangara, 2007, p. 46).⁴⁶

Os melhores meios para a construção da imagem da Terra resultante desse olhar eram matemáticos, geométricos, uma vez que garantiriam o respeito às proporções, às ordens de grandeza e às posições relativas entre as diversas coisas figuradas.⁴⁷ A produção de uma imagem da Terra é o centro do projeto ptolomaico.

⁴⁵ Muitos anos mais tarde, em meados do século XIX, o fotógrafo francês Félix Nadar (pseudônimo de Gaspard-Félix Tournachon, 1820-1910) embarcou com uma câmera fotográfica em um balão e fez o que seriam os primeiros registros fotográficos aéreos de Paris (James Black fez o mesmo em 1860, em Boston). Interessante foi o comentário que Nadar deixou sobre a impressão causada por esse ponto de vista em elevação sobre a cidade: “A Terra se desenrola como um imenso tapete, sem começo nem fim.” (Nadar 1999, p. 97)

⁴⁶ O uso por Zangara da palavra “cartógrafo” na frase de Políbio é certamente uma extemporaneidade, uma liberdade da tradução para denominar aqueles que faziam mapas à época.

⁴⁷ Interessante é perceber que muitos séculos depois A. Baumgarten (1714-1762) definiria a estética como resultado das belas-artes que permitiriam vislumbrar a harmonia que reina no mundo e na natureza a partir da contemplação da perfeição da criação divina (Baumgarten, 1988 [1758]). Inspirado talvez em Baumgarten, Kant dizia que as belas-artes só têm sentido se tiverem a aparência da natureza sem necessariamente a imitarem.

Alguns autores enfatizam a ideia de imitação na representação cartográfica proposta por Ptolomeu. Isso se deve em grande parte à tradução direta da palavra *mimesis* como imitação. Sem querer entrar em querelas eruditas sobre traduções, as quais seguiram percursos complexos desde a escrita original até a tradução em nossas línguas vernaculares modernas, acreditamos firmemente, no entanto, que a palavra *imitação* não é apropriada para esse uso. Em primeiro lugar, a imagem não é estabilizada de uma forma absoluta. O próprio Ptolomeu apresentou duas possíveis projeções para o desenho da Terra sobre uma superfície plana. As linhas e zonas indicadas nos mapas não “imitam” aquilo que vemos; ao contrário, fazem-nos ver as coisas de outra maneira. A palavra grega *mimesis*, aliás, também pode ser utilizada para exprimir um significado escondido.

No que diz respeito às imagens, o estoicismo se opõe frontalmente ao sistema de Platão (428-348 a.C.), para quem elas são de fato uma “imitação”, simulacros de algo que incompletamente representam. Esse é o sentido maior transmitido pelo conhecido mito da caverna. O platonismo por isso gerou e gera ainda forte desconfiança para com as imagens, no que foi largamente seguido por alguns sistemas religiosos e por muitos intelectuais até hoje. Os diferentes movimentos iconoclastas, na história e na ciência, atestam a importância dessa concepção que empresta às imagens a pretensão de tentar “imitar” um conteúdo que se encontra fora delas ou de, sub-repticiamente, se fazer passar por alguma coisa que elas não são. Essa atitude crítica diante das imagens foi estendida contemporaneamente por influentes pensadores (Foucault, Lacan, Debord, entre outros) que acusam a ordem visual moderna de ter sido estabelecida pelos poderes sociais que eles denunciam. O impacto dessa assim chamada “french theory” teve grande repercussão e difusão (Jay, 1995). Nela apoiados, alguns

geógrafos chamam a atenção para a diferença entre a “dolosa” maneira como nos apresentam as imagens e a forma que elas deveriam ter, denunciavam uma exitosa estratégia para esconder os problemas reais (Mitchell, 2000). Mesmo as análises de imagens em estudos muito eruditos têm destacado como principal resultado a construção de ideologias (Cosgrove, 1993; Daniels, 1993). Só muito recentemente começa a aparecer uma contestação a essa geral desconfiança na pesquisa com imagens em Geografia (Cosgrove, 2008).

Esse é um dos momentos em que precisamos contar com a iniciativa do leitor para ir adiante em todas as consequências dessa diferenciação no estatuto dado às imagens nos sistemas filosóficos, tarefa que não nos é permitida aqui sem que nos afastemos demasiadamente da linha de raciocínio que queremos manter como central. Voltando, por isso, ao tema de que as imagens para esses autores estoicos não são meras imitações, podemos dizer que o mapa de Ptolomeu é um instrumento que pretende “fazer ver”, quer provocar o raciocínio, ou seja, é um instrumento para o conhecimento. O mapa é também um objeto estético, pois essa imagem constitui um meio, matematicamente produzido, pelo qual valores como ordem e harmonia cósmica são reafirmados. Essa imagem é um modelo de beleza. Ela condensa toda uma concepção relacionada diretamente aos valores que exprime.

Isso estaria mais de acordo com aquilo que disse o tradutor de Ptolomeu da edição francesa de 1828, o qual, no prefácio, nos adverte para entender sua *Geografia* como uma descrição geométrica da Terra, como uma “composição” gráfica. Essa compreensão concordaria também com o ponto de vista de Brotton sobre a possível etimologia da palavra *geo-grafia* que, na Antiguidade e nesse contexto, sugeriria para ele “tanto uma atividade visual (desenhada) como uma declaração linguística (escrita)” (Brotton, 2012, p. 31).

Ptolomeu estabilizou uma grade geométrica de referência, justificou essa escolha, criou e descreveu um sistema de tabelas organizadas segundo a localização precisa obtida pelas coordenadas geográficas. Além disso, organizou os fundamentos de uma espécie de arquivo que deveria ser corrigido e acrescentado: “Se retificações se fizerem necessárias pelo progresso na informação, pode-se anotar à margem, nos brancos que se encontram nos mapas regionais” (Ptolomeu, 1828, p. 2, v. II, livro I).⁴⁸ Esse conjunto de informações funciona como um banco de dados que ao final geraria um mapa.⁴⁹ Evidentemente, quanto mais informações corretas fossem incorporadas ao banco de dados, mais o mapa seria correto. Esse sistema é fundado na localização precisa de diversos elementos: “Com esse objetivo, indicamos, para cada país, seus contornos, costa a costa, sua posição em longitude e em latitude, a situação respectiva das populações mais importantes que aí habitam, assim como as coordenadas precisas de todos os lugares notáveis, cidades, rios, golfos, montanhas e em geral tudo o que se pode encontrar sobre um mapa do mundo habitado” (Ptolomeu, 1828, p. I, vol. I, livro XIX).

Dessa organização das informações derivavam três tipos de observação relativos aos fenômenos: a posição, a forma e o tamanho. A resolução do problema da localização que permite essas observações é o preâmbulo para que se desenvolvesse uma Geografia. Ele nos diz isso sem ambiguidades:

⁴⁸ Ptolomeu acrescenta ainda: “Um procedimento desse tipo permitirá a quem quiser traçar mapas parciais do mundo habitado” (Ptolomeu, 1828, p. 3, vol. II, livro I).

⁴⁹ Não se sabe se Ptolomeu o desenhou, mas o protocolo para fazê-lo e as informações necessárias estão todos reunidos em seu texto. A imagem que depois os bizantinos apresentaram como sendo o mapa de Ptolomeu era o produto direto desse texto.

Uma vez levado a termo o estudo dos ângulos, restará para completar as proposições de base determinar a posição das cidades mais notáveis das diversas regiões, em longitude e em latitude, segundo os cálculos dos fenômenos celestes em cada uma delas. Este gênero de quadro, bastante especial, que diz respeito à geografia, será apresentado independentemente. (Ptolomeu, 2012, p. 12, v. II, da *Sintaxe Matemática*)⁵⁰

Segundo Auijac, Ptolomeu “organiza um sistema coerente, claro, perfeitamente articulado, em que todas as peças são solidárias” (Auijac, 2012, p. 186). Não é possível chamar esse procedimento de outra forma senão como um sistema de informações geográficas. Se nos for permitido insistir, esse sistema desenhado por Ptolomeu é um quadro de observações localizadas, no qual podemos acrescentar variáveis e ver como se comportam, quais são seus padrões, como se distribuem. Podemos pensar a partir desse quadro. Esse sistema proposto por Ptolomeu também é um quadro geográfico.

Ao se olhar sob esse ângulo, os trabalhos de Estrabão e de Ptolomeu são perfeitamente semelhantes, embora cada um tenha se dedicado mais especialmente a uma parcela do trabalho da apresentação do mundo, ou seja, Ptolomeu voltado à expressão geométrica dessa apresentação e Estrabão à diversidade sistêmica das partes que compõem a unidade. A leitura atenta dos dois demonstra fartamente, entretanto, que não há contradição na concepção do projeto da Geografia, tendo Estrabão se ocupado nos primeiros três livros a comentar os aspectos relativos à forma da Terra e suas medidas e Ptolomeu igualmente dedicado

⁵⁰ Já em sua primeira obra, a *Sintaxe Matemática*, Ptolomeu reconhecia, portanto, o uso dessas informações que se ocupavam da geometria da Terra e resultariam em uma Geografia. (O grifo na citação é meu.)

os últimos capítulos da sua obra à descrição regional. Embora as ênfases fossem diversas, a obra era uma só: a apresentação da “imagem” do mundo. Nesses dois casos essa imagem era obtida, simultaneamente, pela precisa notação das localizações e dos aspectos contidos em cada uma delas. O projeto dos dois era traçar um grande quadro do mundo habitado!

Caso seja acolhido que Ptolomeu e Estrabão tinham projetos semelhantes para a Geografia, que ambos propuseram instrumentos composicionais, ordenamente estruturados e seguindo uma rigorosa grade locacional, fossem eles pictóricos, gráficos ou textuais, aquiesceremos ao cabo que, embora com ênfase em procedimentos diferentes, ambos desenharam quadros, quadros geográficos.

As consequências disso são grandes, sobretudo para a estabelecida história da Geografia que, por comodidade ou preguiça, se acomodou com a apresentação desses dois autores como vértices de duas concorrentes tradições na Geografia. Na bibliografia corrente da história do pensamento geográfico, Estrabão constitui o pilar da Geografia descritiva, regional e empirista e Ptolomeu, o bastião da Geografia matemática, abstrata e geral. Esses dois autores foram capturados completamente pela visão dicotômica que pretendeu ser a versão definitiva da disciplina e que drenava, a partir dos anos 1930, todos os problemas epistemológicos dela. Esse olhar retrospectivo contaminado por querelas e disputas que são muito posteriores impediu que vissemos nesses dois autores a possibilidade de participarem de um mesmo conjunto de autores e obras.⁵¹ Eratóstenes (276-194 a.C.), a quem se atribui o primeiro mapa do mundo conhecido e de um grande tratado de Geogra-

⁵¹ Evitamos a palavra *quadro* para não fatigar o leitor com mais uma aplicação possível, mas é disso que se trata.

fia; Hiparco (190-120 a.C.), um dos inventores da trigonometria e propositos pioneiro da projeção cônica; Posidônio, reputado sábio, astrônomo e matemático, estudioso dos fenômenos físicos e geológicos; Políbio (200-118 a.C.), historiador e pensador interessado nas relações entre ambiente e etnografia — todos esses personagens são as fontes comuns de Estrabão e de Ptolomeu. O diálogo entre eles é patente, pois, se Estrabão faz de Eratóstenes e de Hiparco seus grandes antagonistas, o mesmo é feito por Ptolomeu com Marinho de Tiro (70-130 d.C.).⁵² A similaridade desses procedimentos também indica que esses dois autores voluntariamente se colocam na cadeia de discussões trazidas por essa série de autores. Evidentemente, entre Ptolomeu e Estrabão, a Terra deixou de ser uma ilha cercada pelo mar Oceano, e o mundo foi prolongado por terras desconhecidas, mas o projeto de construir um sistema ordenado de apresentação da Terra conhecida, um quadro, era muito próximo e tinha um nome: Geografia.

⁵² Segundo parece, Hiparco teria utilizado o mesmo efeito de antagonismo com Eratóstenes para apresentar suas ideias sobre a forma e extensão do mundo habitado e teria sido o criador da grade que mais tarde Ptolomeu deu o nome de latitudes e longitudes (Harley; Woodward, 1987).

***Imago Mundi* nas cosmografias renascentistas**

A imagem gráfica da Terra na Geografia ptolomaica era obtida pelo desenho dos elementos figurados que deviam estar precisamente localizados segundo uma grade construída pelas coordenadas geográficas. Por esse procedimento, todos os elementos julgados como importantes (limites de países, populações, golfos, rios, cidades etc.)⁵³ eram assinalados e poderiam ser desenhados com precisa localização, posição, forma e tamanho. Tratava-se de uma apresentação do mundo habitado, uma visualização sobre uma superfície plana da imagem da Terra. A partir dessa imagem, era possível estabelecer distâncias, sobreposições, conexões; enfim, pensar sobre a ordem do mundo. A apresentação constituía um requisito para refletir. O desenho era, simultaneamente, um produto do raciocínio e uma ferramenta para levá-lo adiante, desenhava-se para pensar. Denominamos esse conjunto, o artefato gráfico e os procedimentos que a ele se associam, de quadro geográfico.

Na Geografia proposta por Estrabão, a localização igualmente era uma condição fundamental. Ele dedicou dois livros de sua obra para discutir questões de forma, de posição e de tamanho

⁵³ Calcula-se que em suas tabelas ele tenha indicado as coordenadas de aproximadamente 8 mil lugares (Boorstin, 1989, p. 102).